

Ajuste garantiu economia de R\$ 40 bilhões, insuficiente para cobrir os encargos com a dívida que foram de R\$ 75,2 bilhões no semestre

Saldo recorde não paga gastos com juros altos

DA REDAÇÃO

O governo encerrou o primeiro semestre do ano com uma economia que superou a meta estabelecida com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e foi a maior da história. Órgãos do governo federal, estados, municípios e empresas estatais apertaram o cinto e a sobra no caixa para pagar juros da dívida foi de exatos R\$ 40 bilhões. Cerca de R\$ 5,5 bilhões a mais que o acertado com o FMI. O resultado equivale a 5,41% do Produto Interno Bruto (PIB), acima da meta de superávit primário de 4,25%. No mesmo período do ano passado, o superávit primário foi de R\$ 28,9 bilhões (4,66% do PIB). Em junho, o superávit somou R\$ 3,029 bilhões, resultado inferior a maio, que atingiu R\$ 4,297 bilhões.

A economia recorde, no entanto, não cobriu os gastos do setor público com o pagamento de juros, que totalizaram R\$ 74,265 bilhões no período de janeiro a junho. O total era equivalente a 10,03% do PIB. Com isso, o setor público teve um déficit de R\$ 34,256 bilhões, o que é equivalente a 4,63% do PIB do período. No mesmo período do ano passado, os gastos com juros somaram R\$ 46,274 bilhões (7,46% do PIB), e o déficit nominal foi de R\$ 17,373 bilhões, ou 2,8% do PIB.

Esse é o grande obstáculo da economia brasileira, para o economista-chefe da GlobalInvest, Marcelo Ávila. Para ele, a folga em relação à meta definida com o FMI serve apenas para mostrar pulso forte ao mercado externo. Mas não adianta porque o país ainda enfrenta uma dívida elevada. "O superávit não equilibra a dívida. Temos quase o dobro dele para pagar", avisa. De acordo com o Banco Central, a dívida brasileira totalizou R\$ 856,4 bilhões em junho. O resultado representa aumento da relação dívida/PIB de 55,18% em maio para 55,39% em junho. Para julho, a estimativa é de que a relação pas-

Breno Fortes 25.6.03



O DIRETOR DO BC ALTAMIR LOPES DIZ QUE GOVERNO NÃO QUER EXCEDER META DE SUPERÁVIT ACERTADA COM FMI

se a ser de 56% do PIB.

Para o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, o governo cumpriu com folga a meta, mas isso não significa que esse é o objetivo. "O governo não quer exceder em muito essa meta, mas estar sempre próximo dela. O cumprimento com folga assegura o cumprimento das metas futuras", disse ontem. Lopes afirmou ainda que o resultado não indica que o governo exagerou na economia de dinheiro. "Toda transição (de governo) traz período de acomodação. Há, em seguida, elevação de despesas por conta de decisões de gastos que não estavam sendo executados", explica.

Riscos

Segundo Marcelo Ávila, da GlobalInvest, a economia do governo foi engolida pelos juros que estão há muito tempo elevados.

“
O SUPERÁVIT
NAS CONTAS
PÚBLICAS NÃO
EQUILIBRA
A DÍVIDA.
TEMOS QUASE
O DOBRO
DELE PARA
PAGAR
”

Marcelo Ávila,
economista-chefe
da GlobalInvest

"Cerca de 60% da dívida brasileira é corrigida pela Selic. A taxa elevada corroeu toda a economia que o governo fez", completa. A maior preocupação do economista é com o segundo semestre, quando o mercado estima que o dólar deverá fechar o ano com cotação de R\$ 3,40. "Com dólar alto, a dívida pública dará um salto."

Para o assessor econômico da Associação Brasileira de Bancos (ABBC), Marcelo Allan, a economia que o governo fez neste ano deve ser comemorada porque superou a meta com o FMI e foi o melhor resultado da história. Mas isso não esconde a vulnerabilidade da economia brasileira à taxa de câmbio. "Ainda é muito grande e uma alta do dólar pode representar elevação", afirma. A preocupação de Allan é com o comportamento da economia internacional neste semestre, já retraída.